

Paredes pintadas da revolução portuguesa, um filme de António Campos

Paulo Cunha*

Resumo: *Paredes pintadas da revolução portuguesa* é, inequivocamente, uma das obras menos vistas, menos analisadas e menos discutidas da filmografia de António Campos. O objetivo deste texto é analisar o filme no seu contexto, nomeadamente em relação ao período histórico em que foi rodado e em relação ao percurso de António Campos.
Palavras-chave: pinturas murais; Partido Comunista; filmografia.

Resumen: *Paredes pintadas da revolução portuguesa* es, sin duda, una de las obras menos vistas, menos analizadas y menos discutidas de la filmografía de António Campos. El objetivo de este texto es analizar la película en su contexto, es decir, en relación con el período histórico en el que se rodó y en relación con los caminos personales de António Campos.
Palabras clave: pintura mural; Fiesta comunista; filmografía.

Abstract: *Paredes pintadas da revolução portuguesa* is, unequivocally, one of the least seen, least analyzed, and least discussed films in the filmography of António Campos. The purpose of this text is to analyze the film in its context, namely about the historical period in which it was shot and about António Campos' paths.
Keywords: wall paintings; Communist Party; filmography.

Résumé : *Paredes pintadas da revolução portuguesa* est, sans équivoque, l'une des œuvres les moins vues, les moins analysées et les moins discutées de la filmographie d'António Campos. L'objectif de ce texte est d'analyser le film dans son contexte, c'est-à-dire par rapport à la période historique dans laquelle il a été tourné et par rapport aux parcours personnels d'António Campos.
Mots clés : peintures murales ; Parti communiste ; filmographie.

* Universidade da Beira Interior, Faculdade de Artes e Letras, Departamento de Artes. 6200-001 Covilhã, Portugal. E-mail: paulomfcunha@gmail.com

Introdução

A cópia de *Paredes pintadas da revolução portuguesa* que serve de objeto de análise para este texto chegou-me de forma informal, num formato digital registado a partir de uma projeção em película (a popularmente designada cópia “de telecinema”). Tem uma duração de 9 minutos e 11 segundos, o que não condiz com os 8 minutos referidos no site *CinePT*,¹ na plataforma *MUBI*² ou no próprio catálogo da Cinemateca Portuguesa dedicado a António Campos (Madeira, 2000: 174), nem com os 9 minutos referidos no *Dicionário do Cinema Português 1962-1988* (Ramos, 1989: 294) e no site do festival de cinema Curtas Vila do Conde,³ nem sequer com os 10 minutos que constam no *Prontuário do Cinema Português 1896-1989* (Matos-Cruz, 1989: 194). As sucessivas fontes também nos dizem que foi rodado em película 16 mm, a cores, e que nunca estreou comercialmente. As primeiras exposições conhecidas do filme datam de 1994 (Curtas Vila do Conde e Festival de Tróia) e 1999 (ciclo 25 de Abril, 25 anos – Imagens da Revolução, na Cinemateca Portuguesa).

O genérico do filme é apresentado através da voz de um narrador: “Paredes Pintadas da Revolução Portuguesa. Um filme da Célula de Cinema do Partido Comunista Português (PCP). Textos de António Domingues. Música de Fernando Lopes-Graça: Sinfonia para Orquestra, 1.º andamento.” Não há, portanto, qualquer referência nominal a António Campos. Não deixa de ser muito estranho, já que se identificam, claramente, dois intervenientes de forma individual. No entanto, Jorge Leitão Ramos (1989: 294) sugere, sem identificar qualquer fonte, que “a realização, a fotografia e a montagem são de António Campos”. José de Matos-Cruz (1989: 194), também sem referir a fonte, atribui a realização do filme a António Campos.

Partido Comunista Português

A primeira imagem que surge no filme é o logotipo da Célula de Cinema do PCP. Com antecedentes anarco-sindicalistas, o PCP foi formalmente fundado em 1921, passando por sucessivas fases – “bolchevização” (anos 30), “estalinização” (anos 40), “boom anarco-sindical” (anos 50), “emergência de grupos Maoístas e Trotskistas” (anos 60) – até alcançar sua legalização em 1974 como “o partido mais antigo e forte da nação” (Cunha, 2000: 25).

Como na biologia, a célula é um elemento fundamental na organização do trabalho no PCP, à semelhança dos outros Partidos Comunistas filiados na Internacional Comunista, correspondendo a uma unidade que agrupa militantes que residam (células de rua) ou trabalhem num mesmo local (células camponesas, de fábrica, de empresa, profissionais) ou desempenhem uma mesma atividade (Célula dos

1. <http://www.cinept.ubi.pt/pt/filme/177/Paredes+Pintadas+da+Revolu%C3%A7%C3%A3o+Portuguesa>

2. <https://mubi.com/films/paredes-pintadas-da-revolucao-portuguesa>

3. <https://www.festival.curtas.pt/en/film/fc-181/>

Músicos, Célula dos Escritores, Célula de Artistas Plásticos, Célula dos Médicos, Células de Advogados, entre outras). Por exemplo, noutros partidos, como o Partido Socialista, essa unidade de base é denominada de “secção”.

Sobretudo pelo longo período no seu passado que operou na clandestinidade, o PCP alimentou um “encobrimento voluntário” da sua própria história, o que muitas vezes dificulta o estudo de certos aspetos do seu funcionamento. A Célula de Cinema do PCP apenas tem atividade pública no pós-25 de Abril, o que não significa que não existisse antes desse período de forma clandestina. No entanto, é do conhecimento público que várias figuras de destaque no cinema português das décadas de 1960-70 eram militantes comunistas – como Henrique Espírito Santo, José Fonseca e Costa ou Vasco Granja (Mozos, 2016: 26-27) – e que desempenharam um papel relevante na oposição ao regime ditatorial. De acordo com João Madeira (2011: 783), haveria já na década de 60 algumas células relacionadas com o meio cinematográfico, nomeadamente uma de cineclubistas (onde se integravam os três nomes citados na frase anterior) e outra de “publicistas em jornais e revistas de arte e cinema”.

Apesar de Maria João Madeira (2000: 31) afirmar que Campos “nunca” foi “militante de outra causa que não o cinema”, Manuela Penafria (2009: 75) recolheu um depoimento de Henrique Espírito Santo que refere que António Campos integrou a Célula de Cinema do PCP: “Obtivemos esta informação junto de Henrique Espírito Santo que fez questão de sublinhar que António Campos ia às reuniões e colaborava com o partido quando assim o entendia, e que esta sua actuação era coerente com uma personalidade muito ciosa da sua própria autonomia e um nunca sentir-se obrigado a nada.”

Para contextualizar a relação de António Campos com o PCP, convém destacar três dados relevantes: “António Campos – Realizador” surge como um dos “intelectuais comunistas” da Organização Regional de Lisboa que apelam ao voto em Octávio Pato, o candidato do PCP às Eleições Presidenciais de 1976 (*Avante*, 16/VI/1976: 9); *Gente da Praia da Vieira* foi exibido na primeira edição da Festa do Avante, em 1976 (*Avante*, 23/IX/1976: 12); “António Campos, realizador de cinema” foi um dos integrantes da comitiva portuguesa que participou na Semana da Cultura Portuguesa na União Soviética, que decorreu em Moscovo, em outubro de 1976 (*Avante*, 14/X/1976: 16).

Estas referências cronológicas colhidas no jornal *Avante*, órgão central do PCP, coincidem com a janela temporal do previsível período de rodagem de *Paredes pintadas da revolução portuguesa*. A cronologia pública de Campos também fornece dados úteis: a 30 de junho de 1976, Campos está em Lisboa, no Auditório do Instituto Alemão, para uma antestreia de *Gente da Praia da Vieira* (*Diário de Notícias*, 28-VI-1976); a 26 de agosto de 1976, o jornal bragantino *O mensageiro* coloca-o em Bragança, onde “prepara novos trabalhos de cinema”; em outubro de 1976 está em Santarém, no Festival Internacional de Cinema (*Diário Popular*, 12-X-1976); em novembro de 1976 está na Figueira da Foz, também no Festival Internacional de Cinema (*Diário de Coimbra*, 26-XI-1976); em dezembro, marca presença no Cineclube do Porto (*O Primeiro de Janeiro*, 10-XII-1976).

O ano seguinte seria de menor presença pública por parte de Campos, provavelmente mais ocupado com a concretização do projeto *Ex-votos portuguesas*, apoiado pelo Instituto Português de Cinema. A montagem ficaria concluída ainda em 1977, mas o filme só estrearia em maio de 1979, no segundo canal da televisão pública portuguesa (Ramos, 1989: 145). O trabalho em torno da produção de *Ex-votos portuguesas* poderá ser uma hipótese para a ausência de António Campos na Festa do Avante de 1977, reunião anual dos militantes comunistas portugueses, onde a Célula de Cinema do PCP iria promover a sua mais importante iniciativa: a rodagem do filme *As desventuras do Conde von Barreto em terras da Reforma Agrária (Avante, 15-IX-1977: 4)*. O jornal *Avante* (8-IX-1977: 6) noticia que “[s]erão igualmente exibidos durante a Festa vários filmes de realizadores portugueses (...)”, mas não nomeia nenhum. Na edição seguinte (15-IX-1977: 4), o mesmo jornal discriminava os filmes portugueses exibidos na Festa do Avante desse ano: “Nos ‘Documentários sobre Portugal’, exibidos no primeiro dia da Festa, passaram momentos da luta do PCP, ‘Os Comunistas de Portugal’ e imagens do VIII Congresso do PCP, e refletindo uma fase vital do processo revolucionário que urge defender, o documentário ‘Alvorada Sobre Portugal!’.”

Por se tratar de uma produção da própria Célula, não deixa de ser muito estranho que não haja qualquer referência específica à exibição do filme *Paredes pintadas da revolução portuguesa* na programação de cinema dessa edição da Festa do Avante.

A 30 de novembro de 1977, Campos cessa a sua ligação contratual com a Fundação Calouste Gulbenkian (que durava desde 1 de fevereiro de 1961, mas de forma efectiva, com a colaboração no âmbito do Serviço de Belas Artes, a começar só em 1971), o que o leva a regressar a Leiria, onde recupera o cargo de funcionário público na secretaria de uma escola pública (Madeira, 2000: 31/138). Por outro lado, entre fevereiro e maio de 1978, António Campos está na região de Montemor-o-Velho, ocupado com as rodagens de *Histórias selvagens*, o que torna muito provável que tenha passado os meses anteriores (segundo semestre de 1977) já a trabalhar intensamente nos preparativos da rodagem.

Em suma, o período da rodagem de *Paredes pintadas da revolução portuguesa* parece corresponder a um momento de aproximação de António Campos com as atividades do PCP, ainda que não se conheça publicamente nenhuma filiação partidária, antes ou depois de 1974. No entanto, são públicos alguns episódios de censura vivenciados por Campos durante a ditadura, o que o poderão ter aproximado do partido mais conotado com a oposição política e cultural ao regime: “Na Leiria de então [meados dos anos 50], o ambiente cultural, aliado a uma forte consciência política de oposição ao regime salazarista, era particularmente dinâmico. (...) Nesse circuito, onde se discutia teatro, literatura e política, António Campos é uma presença discreta e assídua.” (Madeira, 2000: 19-20); “Quando [Campos] tenta mostrar o filme [*Um tesouro*] aos habitantes de Vieira de Leiria, é impedido pela polícia. De resto, à excepção do Cineclube do Porto, as projecções são quase sempre privadas e discretas, longe de olhares indesejados no mesmo temor que o leva mais tarde a retirar de circulação *A invenção do amor*, num provável acto de auto-censura justificado

pelo receio de ser obrigado a deixar de filmar.” (Madeira, 2000: 20-21); “Apesar dos ecos favoráveis, ou talvez devido ao temor que os termos em que eram expressos lhe suscitam, eventualmente receando a sua confiscação, Campos retira o filme [*A invenção do amor*] de circulação.” (Madeira, 2000: 27).

Finalmente, parece simbólico e relevante que a música de encerramento de *Ex-votos portuguesas*, filme rodado no mesmo período que *Paredes pintadas da revolução portuguesa*, seja “Cantar alentejano”. Com letra a música de José “Zeca” Afonso, a canção imortalizou a figura de Catarina Eufêmia, uma jovem camponesa alentejana morta a tiro por uma carga policial durante um protesto operário em 1954, e que se tornaria um dos símbolos maiores de resistência ao fascismo durante a ditadura e do próprio PCP.

Pinturas Murais

Segundo a própria narração de *Paredes pintadas da revolução portuguesa*, as pinturas murais começaram a ser um meio de expressão recorrente na madrugada de 14 para 15 de março de 1975, alguns dias após a tentativa de contra-golpe da direita chefiada por António de Spínola, que ficaria na história como o Golpe ou Intentona de 11 de Março de 1975. Nessa madrugada, a Célula de Artistas Plásticos do PCP e uma “acentuada percentagem de artistas simpatizantes sem filiação partidária” pintaram o primeiro mural na avenida Fontes Pereira de Melo, artéria central e movimentada da cidade de Lisboa que faz a ligação entre a Praça Marquês de Pombal e a Praça Duque de Saldanha.

O narrador do filme destaca os murais como “obra coletiva onde predomina a liberdade de expressão” e como uma um testemunho da “história recente do modo como o povo foi libertado e se libertou”, a “história da revolução a que está ligada”, mas também como elemento de uma “história da arte em que a contribuição do poder criador do povo português para a libertação de uma forma de expressão sufocada pelo fascismo durante 48 anos”. O filme da Célula de Cinema, também ele uma obra coletiva e que pretendia perpetuar um momento da história da luta pela liberdade, apresenta o mural original e dezenas de outros localizados em diversas zonas da cidade de Lisboa.

Mas António Campos não seria o único a filmar as paredes pintadas em Portugal durante o Processo Revolucionário em Curso (PREC). A 10 de junho de 1974, no Mercado da Primavera, em Belém, na cidade de Lisboa, Manuel Costa e Silva realiza *Pintura colectiva*, uma curta-metragem de 13 minutos e 40 segundos, com produção da Instituto de Tecnologia Educativa, assinalando uma iniciativa simbólica de unidade artística nos primeiros dias da democracia, uma iniciativa do Movimento Democrático dos Artistas Plásticos, que convidou 48 artistas (Tomás Mateus, Menez, Manuel Baptista, Costa Pinheiro, Vespeira, Fátima Vaz, Nikias Skapinakis, Vítor Fortes, Jorge Vieira, Querubim Lapa, Júlio Pomar, David Evans, Alice Jorge, Sá Nogueira, Emília Nadal, Jorge Martins, Maria Gabriel, Kukas, Manuel Pires, entre outros) para criaram colectivamente um painel monumental alusivo ao 25 de Abril de 1974 (Vicente, s.d.). Sem narração, apenas com música de Igor Stravinsky

(*L'histoire du soldat e Petrushka*), o filme mostra os artistas em ação num andaime a três alturas, com dezenas de pessoas a assistir, e imagens do resultado final do mural, com detalhes e uma panorâmica geral.

A 30 de maio de 1975, a RTP emite *Cartazes: um espectáculo que nos conta todos os dias*, um episódio de um programa dedicado às artes plásticas com apresentação do professor e crítico de arte João Manuel Rocha de Sousa, fotografia de António Hipólito e produção e realização de José Elyseu. A preto e branco, e com um estilo de registo mais convencional, este filme de 18 minutos e 57 segundos apresenta muitos dos murais que foram filmados por Campos e muitos outros de diversos partidos políticos. Uma versão a cores e mais longa (53 minutos) deste filme é editada em VHS em 1999, com o título *Ruas do pós-25 de Abril*.

Também rodado em 1975, *Pinturas murais* é uma curta-metragem de 15 minutos, em 35mm a cores, com realização de António Almeida Lopes, produção da Cinegra, e apoio financeiro do Instituto Português de Cinema. A particularidade deste filme é que sai de Lisboa para fazer um levantamento de murais que, após o 25 de Abril, foram pintados nas paredes do país. Não se conhecem apresentações públicas deste filme.

No ano seguinte, o cineasta francês Jean-Paul Dekiss filma em Portugal, com produção de Hubert Niogret (Pi Productions e International Film Promotion), uma curta-metragem de 8 minutos, em película de 35 mm a cores, intitulada *Les murs d'une révolution (Os muros duma Revolução)* que seria exibido nos importantes festivais de documentário de Leipzig (Alemanha) e Cracóvia (Polónia, onde recebeu uma Menção Especial do Júri em 1976), sendo ainda nomeada para o César (prémios da indústria francesa) para Melhor curta documental em 1977.

Finalmente, em 1976 era exibido, na representação portuguesa da Bienal de Veneza (Itália), comissariada por Ernesto de Sousa, e na World Surrealist Exhibition, em Chicago (EUA), comissariada por Mário Cesariny, o filme *Revolução*. Realizado em 1975, em película Super 8mm, por Ana Hatherly, seria apresentado pela primeira vez em Portugal na Ar.Co (1976), onde Hatherly leccionada, e na importante iniciativa Alternativa Zero (1977), em Lisboa. Rodado na primavera de 1975, com uma câmara emprestada, o filme foi sonorizado em registo óptico por Alexandre Gonçalves, montado de forma artesanal por Hatherly na sua cozinha com recurso a tesoura e fita cola, e posteriormente ampliado em Londres para 16 mm, com financiamento da Fundação Gulbenkian (Magalhães, 2015).

De todos estes títulos, o filme de Hatherly é o que mais se aproxima do registo de *Paredes pintadas da revolução portuguesa*. Em primeiro lugar, porque foram ambos rodados com película não-profissional (Super 8mm e 16mm) e praticamente sem uma equipa de cinema durante a rodagem. Em segundo lugar, exceptuando algumas passagens pontualmente narrativas no filme de Campos (nomeadamente algum contexto na narração), ambos os filmes se constroem em torno da montagem de fragmentos com atrações visuais (desenhos e pinturas murais).

Sobre *Paredes pintadas da revolução portuguesa*:

Os movimentos de câmara são uma constante e quando a câmara está fixa, os desenhos, palavras de ordem e vivas ao partido surgem por entre o ecrã obscurecido pela passagem do trânsito. Durante o filme, ora se parte de um pormenor para o geral ou o contrário (e nestes casos, trata-se de um movimento apenas óptico, em *zoom out* ou *zoom in*), ora se percorre, em panorâmica, os murais, dinamizando, dando vida e fazendo apelo a um olhar atento ao traçado dos desenhos, às palavras e frases que reflectem as aspirações e expectativas de um povo (...). (Penafria, 2009: 77).

Sobre *Revolução*:

Este é um verdadeiro filme colagem e de montagem, onde a autora recorre a vários processos técnicos específicos com movimentos de câmara, manipulação do obturador, montagem rápida, que são apoiados por uma banda sonora também feita da colagem de sons fragmentários de som real, captado nas ruas durante manifestações e comícios, canções revolucionárias e folclore do Alentejo e do Minho. (Magalhães, 2015).

São, portanto, duas obras que, apesar do intrínseco valor histórico e documental nos dias de hoje, no momento da rodagem se afastaram conscientemente do registo narrativo, explorando formas sensoriais de se relacionar com os espectadores. Curiosamente, ou não, ambas as obras ficaram décadas esquecidas, longe dos espectadores.

Algumas conclusões

Talvez por ser uma obra não-assinada (o nome do realizador não consta formalmente na ficha técnica), ou produzida por um partido político, ou ainda por – aparentemente – se afastar ao registo etnográfico e antropológico com que os estudos filmicos passaram a caracterizar um estilo autoral, *Paredes pintadas da revolução portuguesa* é uma obra praticamente invisível na filmografia de António Campos.

Na retrospectiva que a Cinemateca Portuguesa dedicou a Campos em setembro e outubro de 2000, por exemplo, o filme *Paredes pintadas da revolução portuguesa* foi agrupado numa sessão com *Chagall – breve a lua, lua cheia, vai aparecer* (1966) e *Ex-votos portugueses* (1977), classificados vagamente como “documentários sobre arte” (Madeira, 2000: 14). Ou seja, não é o único que é colocado numa posição “marginal” em relação a um “corpo central” que define o estilo de António Campos, nomeadamente *A almadraba atuneira* (1961), *Vilarinho das Furnas* (1971), *Falamos de Rio de Onor* (1974) ou *Gente da Praia da Vieira* (1975).

De forma recorrente, esta definição de um *corpus* filmico para António Campos em torno de uma suposta coerência estilística acaba por ser prejudicialmente redutora para o estudo da obra do realizador, subtraindo um número significativo

de obras que comprovam uma amplitude e diversidade criativa, artística e metódica exploradas ao longo da sua carreira cinematográfica. A celebração do centenário do nascimento de António Campos, que foi destacada em alguns festivais internacionais de cinema (PlayDoc, em Tui, Espanha, 2022 ou o Curtas Vila do Conde, 2022) e na Cinemateca Portuguesa, que anunciou a edição em DVD de alguns dos seus filmes, surgiu como uma oportunidade rara para visionar filmes menos conhecidos da filmografia de Campos, permitindo relançar o debate sobre a sua inscrição nas categorias em que surge referenciado nas histórias do cinema. Também por isso, é importante trazer a debate olhares estrangeiros, não tão familiarizados com a história particular do documentário português, para se renovar uma análise e discussão tantas vezes viciadas pelos preconceitos que foram ditos ou escritos no passado, e que, sem qualquer sentido crítico, são repetidos no presente.

É urgente ver ou rever a produção filmica de Campos, nomeadamente os títulos que têm sido historicamente ignorados ou desconsiderados. Muito mais grave do que a situação deste *Paredes pintadas da revolução portuguesa* é, sem dúvida, as dezenas de títulos que foram realizados por António Campos no âmbito da sua relação institucional com a Fundação Calouste Gulbenkian,

Referências bibliográficas

- Avante*, órgão central do Partido Comunista Português. Disponível em: <https://www.avante.pt/>
- Cunha, C. A. (2000). “Partido Comunista Português”. In A. Barreto & M. F. Mónica (coord.), *Dicionário de História de Portugal* (vol. 9, 24-29), Porto: Livraria Figueirinhas.
- Madeira, J. (2011). *O Partido Comunista Português e a Guerra Fria: “sectarismo”, “desvio de direita”, “Rumo à vitória” (1949-1965)*. Tese de Doutoramento, FCSH, Universidade Nova de Lisboa.
- Madeira, M. J. (org.), (2000). *António Campos*, Lisboa: Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema.
- Magalhães, A. (2015). “Revolução”. Disponível em: <https://cinevideoart.up.pt/Detail/objects/46>
- Matos-Cruz, J. (coord.) (1989). *Prontuário do Cinema Português 1896-1989*. Lisboa: Cinemateca Portuguesa,
- Mozos, M. (coord.) (2016). *Henrique Espírito Santo*. Lisboa: Cinemateca Portuguesa.
- Penafria, M. (2009). *O paradigma do documentário – António Campos, Cineasta*. Covilhã: Livros LabCom. Disponível em: <http://labcom.ubi.pt/livro/40>
- Ramos, J. L. (1989). *Dicionário de História do Cinema Português 1962-1988*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Vicente, F. L. (s.d.). “Liberdade, arte, revolução: o mural do 10 de Junho de 1974”. Disponível em: <https://www.50anos25abril.pt/noticias/liberdade-arte-revolucao-o-mural-do-10-de-junho-de-1974>